



**Jorge Amado,
em foto dos anos 70**

JORGE AMADO

Neste 2012 comemora-se o centenário de nascimento de um dos maiores baianos de todos os tempos:

Jorge Amado (10/8/1912 – 6/8/2001).

Em vista do alcance da obra amadiana (nosso primeiro *best seller* planetário), a Revista USP traz, nas próximas páginas, um conjunto de textos sobre o aclamado autor de *Jubiabá*.

Jorge Amado, capitão de longo curso

Edvaldo A. Bergamo

Os seus livros [de Jorge Amado] penetram na poesia do povo, estilizam-na, transformam-na em criação própria, trazendo o proletário e o trabalhador rural, o negro e o branco, para a sua experiência artística e humana, pois que ele quis e soube viver a deles”
(Antonio Candido, 1992).

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Jorge Amado continua a ser um romancista de muito interesse na literatura brasileira, merecedor de um exame detido das questões intrincadas que sua obra suscita. Trata-se de um problema literário estimulante para o pensamento crítico ou para o estudioso que se debruçar sobre uma produção extensa e intensa que ininterruptamente angariou uma recepção polêmica e que possibilitou ao mesmo tempo uma reflexão significativa sobre a história e a sociedade brasileiras, visto que a criação artística do ficcionista baiano apresenta uma sintonia fina com os principais impasses na-

cionais ao longo do século XX, sem abdicar de certas características típicas do chamado romance de 30, do qual o autor é um dos principais artífices, ao perpetrar o legado de tão importante produção romanesca coletiva, por intermédio de uma trajetória absolutamente vitoriosa, no tocante ao sucesso junto ao público, e controversa, no que diz respeito a grande parte de sua fortuna crítica.

UM ROMANCISTA DE 30

Jorge Amado (1912-2001) estreou como escritor profissional em 1931, com o romance *O País do Carnaval*, apesar de já ter publicado, no final dos anos 20, *Lenita*, uma novela em coautoria renegada pelo próprio e nunca reeditada nas suas obras completas. A indecisão ideológica estampada no primeiro romance é ultrapassada em *Cacau* (1933), no qual aparece nitidamente, já no pórtico do livro, uma inflexão ideológica de esquerda voltada para a denúncia dos problemas sociais dos trabalhadores das terras férteis do sul da Bahia. A referida obra instaura uma vertente romanesca das mais fecundas para o nosso ficcionista: a representação da vida cacaeira que abarca o trabalhador explorado da lavoura e o fazendeiro endinheirado.

Jorge Amado encerra os “romances de aprendiz de romancista” com a publicação de *Suor* (1934), obra com a qual são revelados os problemas do trabalhador ou do espoliado urbano encontrados na cidade da Bahia. Com essa narrativa fragmentada, Jorge Amado inicia, igualmente, uma outra vertente romanesca das mais importantes: a representação da vida marginalizada de trabalhadores e malandros na cidade da Bahia.

A maturidade do romance de Jorge Amado, ou a maioridade do escritor, surge com a publicação de *Jubiabá* (1935), uma obra que narra em tom por vezes épico a trajetória do negro Balduino, de menor abandonado a líder grevista, passando por inúmeras provocações até atingir uma consciência esclarecida acerca da condição do trabalhador pobre e especialmente do negro na sociedade brasileira. Estamos, na verdade, diante do nosso

EDVALDO A. BERGAMO é professor da Universidade de Brasília (UnB) e autor de *Ficção e Convicção: Jorge Amado e o Neorrealismo Literário Português* (Unesp).

primeiro romance em que o negro é alçado à condição de protagonista desataviado de preconceitos típicos que moldaram o homem de cor, desde os tempos coloniais, no nosso meio socioeconômico e cultural.

Com *Capitães da Areia* (1937), sucesso absoluto de vendagem desde a publicação, Jorge Amado fecha o chamado ciclo dos “romances da Bahia”, em prefácio escrito à época da primeira edição do livro e retirado por volta de 1960. Menores abandonados, reunidos em um grupo caracterizado pela delinquência e solidariedade, já tinham aparecido em *Jubiabá*, mas ganham tratamento aprofundado no romance de 1937, no qual a marginalidade infanto-juvenil é retratada como problema social e não apenas como problema de polícia. De fato, o livro tocava numa “ferida” ainda não cicatrizada no âmbito da sociedade brasileira: os meninos de rua das grandes cidades.

Mar Morto, de 1938, volta-se para a vida difícil dos trabalhadores do mar e toda a mitologia que molda a rotina de homens

que retiram do oceano o sustento e a concepção de mundo que permeia o horizonte limitado daqueles que estão submetidos a condições de trabalho degradantes, tendo como única válvula de escape os lances de mitificação do ambiente marítimo como espaço de liberdade e de sonho. É de sublinhar que tal ambientação característica está plasmada numa linguagem poética ostensiva que domina a narração e aparece disseminada em menor ou maior grau por grande parte do romance amadiano de diferentes períodos, com enredos polvilhados de histórias do mar e do cais da cidade da Bahia.

Depois de produções de caráter biográfico e encomiástico como *ABC de Castro Alves* (1941) e *O Cavaleiro da Esperança* (1942), Jorge Amado retorna ao romance em 1943, com *Terras do Sem Fim*, considerado a sua obra-prima por parcela considerável da crítica literária especializada. Essa aclamada narrativa mais *São Jorge dos Ilhéus* formam um díptico para retratar a civilização do cacau do apogeu à de-

O coronel João Amado de Faria e Eulália Leal Amado (Dona Lалу) com os filhos Joelson, James e Jorge (Ilhéus, 1924)



Fundação Casa de Jorge Amado

cadência, narrada com eloquência épica no intuito de demonstrar, especialmente, a trajetória dos coronéis do ouro branco, um percurso que começa com a conquista e o domínio de terras nunca desbravadas e termina com a submissão de homens valentes aos ditames do imperialismo internacional. Tais romances, juntamente com *Cacau*, de 1933, dão forma a outro ciclo romanesco importante de Jorge Amado: a narração em três títulos da saga histórica do cacau.

É possível, independente de qualquer rigor cronológico, dizer que o romance de Jorge Amado, em 1944, com *São Jorge dos Ilhéus*, conclui um primeiro movimento, quando o escritor baiano dá por encerrados os dois ciclos fundadores de sua obra idealizados no decênio de 30. É o período de completo domínio da técnica narrativa com uma produção que se divide entre a narração dos lances grandiosos e mesquinhos dos homens que instituíram a civilização das terras do cacau e a narração da vida marginal num cenário citadino marcado pela miséria e opressão da capital baiana. Conforme Eduardo de Assis Duarte (1996, pp. 121-2):

“Se em *Jubiabá* e *Capitães da Areia* Jorge Amado dedica-se a traçar os caminhos da formação do herói proletário no Brasil dos anos 30, em *Terras do Sem Fim* (1943) e *São Jorge dos Ilhéus* (1944) seu interesse é deslocado para o universo rural brasileiro, visto através do desenvolvimento da cultura cacauera no sul da Bahia. O escritor alarga seus horizontes e concede ao romance uma perspectiva histórica mais ampla, volta-se para um momento rico em transformações tanto econômicas quanto políticas e sociais. E objetiva representar a passagem de um mundo ainda preso aos resquícios da escravidão para a etapa da hegemonia capitalista”.

Desde *Cacau*, Jorge Amado manifesta, na realização romanesca, uma clara orientação política de esquerda, incorporando um traço característico de parte da literatura da década de 30 do século XX: o engajamento dos intelectuais comprometidos com as

reivindicações das classes trabalhadoras do campo e da cidade. Tal comprometimento repercutia a vaga internacional que fez da década de 30 um momento singular da história nacional e mundial, uma vez que trouxe à tona, de modo às vezes incontrolável, as demandas das massas populares. O romance de 30 de Jorge Amado ainda não espelhava a adesão explícita ao programa do realismo socialista, espécie de cartilha estético-ideológica do PC soviético, que o escritor afirmava desconhecer nesse tempo, pois admitiu em entrevista a Alice Raillard (1990) que nem havia lido Marx à época. Contudo, na década de 40, sua obra já ultrapassa as fronteiras nacionais e exerce papel relevante na etapa de afirmação e consolidação das premissas estéticas e ideológicas do movimento neorrealista em Portugal, trazendo para o primeiro plano da narrativa os espoliados de uma organização social rígida, baseada na posse da terra, no estamento, na influência da igreja católica e na mentalidade provinciana. Mencione-se, a propósito, igualmente, o papel proeminente que a narrativa de ênfase social de Jorge Amado exerce nos primórdios da formação dos grupos de intelectuais responsáveis pela implantação, direção e vitória dos movimentos de independência das colônias africanas sob o tacho do colonialismo lusitano.

A década de 30 fornece os parâmetros basilares do projeto literário de Jorge Amado. Num decênio em que a marcha mundial das revoluções parecia finalmente atingir os seculares fundamentos espoliadores da sociedade brasileira, a saber, o predomínio do latifúndio, a violência de classe dos donos do poder, a monocultura exportadora, a ideologia do favor, etc., o romance de 30 problematiza certos entraves nacionais oriundos do campo e da cidade. E Jorge Amado, coparticipante dessa geração de escritores que examinaram por intermédio da transfiguração artística os problemas da região como impasses da nação, articula sua criação romanesca em consonância com uma perspectiva que visa a passar o Brasil a limpo, antecipando, pelo prisma da literatura, a análise da realidade material que

será realizada pelas áreas específicas do conhecimento científico em décadas posteriores. Para Antonio Candido (1989, p. 188):

“Como decorrência do movimento revolucionário e das suas causas, mas também do que acontecia mais ou menos no mesmo sentido na Europa e nos Estados Unidos, houve nos anos de 30 uma espécie de convívio íntimo entre a literatura e as ideologias políticas e religiosas. Isto, que antes era excepcional no Brasil, se generalizou naquela altura, a ponto de haver polarização dos intelectuais nos casos mais definidos e explícitos, a saber, os que optavam pelo comunismo ou o fascismo. Mesmo quando não ocorria esta definição extrema, e mesmo quando os intelectuais não tinham consciência clara dos matizes ideológicos, houve penetração difusa das preocupações sociais e religiosas nos textos, como viria a ocorrer de novo nos nossos dias em termos diversos e maior intensidade”.

Já o ficcionista, nascido em Itabuna (BA), afeito às determinações do realismo socialista, pode ser identificado com mais clareza na publicação seguida de *Seara Vermelha* (1946) e dos volumes da trilogia *Subterrâneos da Liberdade* (1954). São narrativas em que o ideário stalinista e o proselitismo político se internalizam de tal maneira na forma narrativa que a composição ficcional está toda voltada para a valorização e o enaltecimento, pelo exemplo sacrificial encontrado na trajetória dos militantes, da sociedade nova a ser edificada num futuro utópico. Em meados do decênio de 40, e mesmo antes se quisermos, durante os anos antecedentes à vigência do Estado Novo getulista, Jorge Amado, agora sob o impacto dos desdobramentos oriundos da Segunda Guerra Mundial, torna-se um militante disciplinado do Partido Comunista Brasileiro e um escritor afinado com os preceitos do realismo socialista. A literatura de ênfase social, que vinha sendo praticada de maneira até certo ponto intuitiva na década anterior, assume uma perspectiva dogmática que prejudica o estatuto estético-

-ficcional da narrativa, em nome de uma necessidade de sublinhar o aspecto documental e a doutrinação ideológica ostentados pela própria obra. De acordo com Alfredo Wagner Berno de Almeida (1979, p. 202):

“Não apenas os personagens se engajam com firmeza em prol daquelas soluções políticas, como é o caso de Neném (Juvêncio) em *Seara Vermelha*, como também o próprio autor. O homem de ação em Amado passa a encarnar a conduta literária na conduta política. Aparenta se dar conta de que sua produção literária, por si só, não concorre de maneira imediata para as transformações que prenuncia. Nem o autor parece se contentar em somente produzi-la. Os quase oito anos que separam *Seara Vermelha* do livro que lhe sucede, *Os Subterrâneos da Liberdade*, permitem entrever, mais que longo interregno, um deslocamento de prioridade em sua atitude política”.

Nos anos de 40 e 50, Jorge Amado torna-se um escritor conhecido dentro e fora do Brasil, e sua obra é editada em outros países de orientação stalinista ou não. A militância política intensifica-se com o exílio na Europa, sacrificando inclusive os dons de romancista, porém o literato triunfa no final do decênio de 50 com a reformulação de seu projeto literário, dessa feita, condizente com uma visão menos ideológica e mais carnavalesca dos problemas nacionais, de modo que a questão da justiça social está em estreita correlação com a demanda pela liberdade individual, numa sociedade afetada sobremaneira por mudanças sociais e comportamentais em andamento.

GABRIELA E DEPOIS

Os anos 50 são um tempo de certa guinada na trajetória literária de Jorge Amado. Deixa as fileiras do PC Brasileiro, mesmo antes da divulgação das atrocidades da era stalinista, em 1956, o que acaba influenciando no redimensionamento de seu fazer literário, sem abandonar de vez determinadas marcas fundamentais de seu projeto



Fundação Casa de Jorge Amado

literário originário da década de 30. Apesar de o autor refutar a existência de duas fases em sua obra, é inegável que a partir de *Gabriela, Cravo e Canela*, Amado reequaciona seu projeto literário com a adição de novos aspectos identificadores de sua revigorada produção dali em diante, mas ainda em sintonia de alguma maneira com os pressupostos da literatura de 30. A coloração ideológica de esquerda, às vezes mais, às vezes menos ostensiva, deixa o primeiro plano ou perde a função de ponta de lança evidente na representação da realidade brasileira, e a perspectiva carnavalizada da vida nacional ganha foro privilegiado como forma de interpretação do país. Não é o caso de dizer que, de *Gabriela, Cravo e Canela* (1958) em diante, Jorge Amado renuncia a uma visão crítica da nossa sociedade ou abdica do ponto de vista de escritor comprometido com a revelação e problematização dos males pátrios. É patente que a ênfase ideológica de esquerda perde força e espaço na obra, mas novos ingredientes da narrativa ganham notoriedade: o humor como recurso proeminente para a crítica social e o elogio do prazer como condição humana indispensável (Araújo, 2003). Saliente-se também que a representação da mulher recebe outro tratamento na obra, para além de um modo simplório de exaltar um protagonismo de gênero que começa timidamente a estar em voga no plano histórico, talvez um indício de revisão de rumos exibido inclusive nos títulos de muitos romances. Isso sem apontar a recolocação do problema do negro na sociedade brasileira, que ganha ímpeto num contexto nacional de estudo e de valorização da contribuição africana como uma das matrizes da nossa formação cultural. Assim, dois novos atores sociais aparecem redimensionados na ficção amadiana pós-*Gabriela*, a mulher e o negro, dando expressão literária à assimetria existente entre homem e mulher ou entre branco e negro, revelando, como sempre, a imensa desigualdade constitutiva da sociedade no Brasil.

Na década de 50, a reputação literária mundial de Jorge Amado já estava consolidada por força da máquina de divulgação

dos principais partidos comunistas do globo e pelo prestígio intelectual granjeado pelo escritor em razão de sua militância política e cultural, mas principalmente pela originalidade de sua literatura, verificável numa linguagem literária moldada pelos parâmetros da oralidade e do coloquialismo, na ênfase à contribuição do negro para a formação da identidade brasileira, na eleição de personagens centrais vindos das camadas populares, na utilização de recursos folhetinescos para cativar o público leitor e, finalmente, na projeção de imagens de um futuro redimido, baseadas na capacidade humana de construir um mundo novo, livre de preconceitos de religião, classe e raça.

Com *Gabriela, Cravo e Canela*, Jorge Amado ganha muitos prêmios e amplia sua projeção internacional. São destaques nesse romance a decadência política e econômica dos velhos coronéis do cacau, com práticas impróprias num tempo de capitalismo internacional, e o surgimento de uma nova mentalidade tanto nos negócios quanto nos novos padrões de comportamento para a vida pública e privada. Em meio a tudo isso, o protagonismo exercido por uma mulher mestiça que desconhece as regras da moralidade convencional e corrobora com suas ações de espontaneidade para aprofundar o desmantelamento de valores e condutas já em forte declínio.

A dialética da malandragem aparece com nitidez nas obras *Os Velhos Marinheiros* (1961) e *Os Pastores da Noite* (1964). O destaque do primeiro livro vai para a novela “A Morte e a Morte de Quincas Berro D’Água” extraída dali. Um funcionário público, com uma família preocupada com a manutenção de padrões burgueses de convívio social, cansado de um *modus vivendi* repetitivo e hipócrita, resolve deixar de lado tais convenções e opta pela vida boêmia do cais do porto da cidade da Bahia, num cenário entre onírico e realista, no qual as regras da convivência *lumpen* são pautadas pela liberdade, vadiagem e desobrigação. Já a narrativa “O Compadre de Ogum”, presente no segundo livro aludido, apresenta uma visão sem hierarquias de antemão estabelecidas da religiosidade

**Na página anterior,
Jorge e Zélia
em Isla Negra,
no Chile, quando
do cinquentenário
de Neruda, em 1954**

baiana, de modo que a mistura de crenças e também de raças, fundamentalmente procedente do amálgama de matrizes europeias e africanas que convivem em tensão, aparece como meio de expressão de um hibridismo definidor de nossa identidade cultural e mística como povo marcado pela mestiçagem.

A cidade da Bahia na obra de Jorge Amado é o espaço ficcional por excelência para a manifestação de culturas híbridas que dão contorno à identidade brasileira representada na obra do nosso romancista. Especialmente a cidade da Bahia e as terras do cacau funcionam na obra de Amado como microcosmos de um Brasil multiplicado pelas diversas fontes culturais aportadas aqui nos vários ciclos históricos de chegada em massa de diversos povos estrangeiros.

Ainda nos anos 60, Jorge Amado revisita um tema importante de sua obra, introduzido na década de 30: a contribuição do negro para a formação da brasilidade. *Tenda dos Milagres* é uma reescrita de *Jubiabá*, numa versão alargada, aprofundada e tensionada pelos obstáculos de ordem social, econômica e cultural para a assunção do negro no ordenamento social brasileiro, em virtude de um racismo renitente, difícil de ser superado pelo peso de vários séculos de escravidão. O tratamento heroico da condição histórica do negro é um estratagema fundamental da obra para denunciar o preconceito de cor e narrar a magnitude da luta do homem negro para poder ostentar sua dignidade como cidadão e detentor de uma cultura decisiva para a formação do *ethos* nacional.

Não só o negro ganha um *status* privilegiado na obra amadiana pós-*Gabriela*, numa decorrência de formulações gestadas no contexto da década de 30. A representação da mulher também adquire novos contornos (Duarte, 1997) em romances como *Dona Flor e Seus Dois Maridos* (1966), *Tereza Batista Cansada de Guerra* (1972) e *Tieta do Agreste* (1977). A mulher, com notabilidade da mestiça ou mulata, é agora cada vez mais senhora dos seus atos, diferentemente da condição subalterna da personagem Ester do romance *Terras do Sem Fim*, mas

semelhantemente à postura determinada de Dora, do livro *Capitães da Areia*, e Lúvia, de *Mar Morto*. Dona Flor, em meio às lições de culinária, não se submete ao infortúnio de ter de escolher um dos maridos e acaba ficando com os dois, numa resolução surpreendente da equação amorosa, tendo em vista o seu protagonismo feminino para concretizar a ação de soma e não de subtração: entre um e outro, fica com os dois. O *Bildungsroman* feminino pode ser encontrado em *Tereza Batista Cansada de Guerra*, ao se narrar a trajetória existencial acidentada de uma mulher forte e sonhadora, feito Rosa Palmeirão, de *Mar Morto*. Tereza Batista é mulher, prostituta e amante que retira sua força vital da luta pela sobrevivência para alcançar a realização amorosa, conquistada com sentimento e coragem, numa visão um tanto quanto idealizada do segundo sexo em condição degradante pela posse do corpo feminino mercantilizado. Tieta, por sua vez, é a elegante dona de bordel que volta às origens ostentando a máscara da moralidade provinciana. Rica, chega à localidade de nascimento na condição de benfeitora, mas decai na estima da família e da cidade quando seu passado é revelado, e aquele retorno torna-se uma impossibilidade, restando a ela refazer o mesmo caminho em direção à metrópole. De maneira distinta das personagens protagonistas Gabriela e Dona Flor, inseridas a contragosto ou originárias do quadro pequeno-burguês, Tereza e Tieta descendem literariamente das mulheres da rua da lama das povoações do cacau ou dos becos sujos do Pelourinho, cenários preferenciais dos romances amadianos dos anos 30, onde circulam as mulheres de difícil “vida fácil”.

A retomada reincidente de uma das principais fontes do romance amadiano ocorre com a publicação de *Tocaia Grande, A Face Obscura*, em 1984. Narrativa de sentido épico, Jorge Amado regressa, de novo, ao tema da conquista épica das terras do cacau, da fundação dos povoados, do sentido heroico incrustado nas pequenas ou grandes ações de homens anônimos. Outro manancial literário revisitado, mais uma vez, é o retrato redivi-



Fundação Casa de Jorge Amado

vo e carnavalizado da religiosidade popular da cidade da Bahia em *O Sumiço da Santa* (1988). Outrossim, um desvio de rota, mas não necessariamente desconectado do projeto romanesco de Amado, pode ser aquilatado pelo pendor ao tratamento paródico de temas e personagens que gravitam em torno de narrativas de menor densidade literária, como *Farda Fardão Camisola de Dormir* (1979) e *A Descoberta da América pelos Turcos* (1992). Segundo Fábio Lucas (1997, p. 111):

“Quando os heróis de Jorge Amado eram sérios e ideologicamente marcados, apontavam para a *justiça*, num quadro absurdo e degradado. Já os que, na derradeira fase de sua produção, se tornavam burlescos e pródigos de alegria escolheram por meta a *liberdade*. Por intermédio da estética do riso, o romancista procura desarmar o automatismo da sociedade e seus valores imponderáveis. [...] Desmobiliza as tensões. A gargalhada se transforma no palco temporário para a ence-

nação da liberdade. Riso e liberdade, assim, se configuram indissolavelmente associados. Na segunda fase da ficção de Jorge Amado, ao se evidenciar o direito da liberdade, somos conduzidos ao direito ao sonho: o alvo são os procedimentos desrepressores”.

Ressalte-se que não estão sendo mencionadas as outras múltiplas contribuições de Jorge Amado para o desenvolvimento das diversas esferas da cultura brasileira, mediante trabalhos como jornalista da imprensa literária e partidária, roteirista de cinema, compositor de letras de música, autor de literatura infanto-juvenil, de contos, de poesia, de guia turístico, de peça de teatro, de libelo político, etc. E, como coroamento de uma trajetória literária exitosa, temos as reminiscências pessoais, que o autor não quis assim categorizá-las, *Navegações de Cabotagem* (1992), apesar de ter publicado antes o memorialístico *O Menino Grapiúna*, em 1981. Naquela volumosa obra, apa-

**Jorge Amado,
João Jorge, Zélia
Gattai e Paloma
(Itapuã, 1968)**

rece o intelectual, romancista, militante, homem de letras que passa em revista os sessenta anos de vida literária, considerados por Amado um período extremamente enriquecedor de convívio com os maiores e principais artistas da era dos extremos, de perplexidade também diante dos avanços e retrocessos da política brasileira e mundial e da ascensão e declínio da marcha das utopias, enfim, um retrato irônico e mordaz do breve século XX e sua paisagem humana e social aos olhos do romancista brasileiro mais conhecido e traduzido no exterior.

NO CENTENÁRIO DE JORGE AMADO

Jorge Amado morreu em agosto de 2001, completando mais de setenta anos de intensa vida literária se considerarmos sua participação na Academia dos Rebeldes nos anos 20. Neste ano de 2012, comemora-se o centenário de nascimento do aclamado autor baiano. Por que Jorge Amado continua a ser um autor relevante para a literatura brasileira, tendo produzido uma obra desafiadora para a crítica literária nacional e internacional?

Jorge Amado é antes de tudo um romancista de 30. Foi um dos principais artífices, ideólogos da denominada geração de 30, que criou o romance engajado no Brasil. Seu projeto literário fundamenta-se nos princípios norteadores de tal movimento cultural, sendo o objetivo centralizador dessa produção artística coletiva conhecer a realidade brasileira e dar a ver, por intermédio sobretudo do romance, as mazelas nacionais. Como romancista de 30, não abandona na sua longa carreira essa plataforma ao eleger as camadas populares como os agentes fundadores da brasilidade, sob o amparo do ideário do Partido Comunista Brasileiro, em determinada época, ou sob o abrigo de convicções pessoais mais amplas e fecundas que extrapolaram a camisa de força do sectarismo partidário. Sendo assim, o empenho estético-ideológico do autor excede qualquer divisão em fases, quando, desse modo, demarcamos a trajetória literária de Amado.

Na verdade, a agenda histórica, impulsionada pela urgência política e econômica, amplia a área de atuação do romancista, retomando ou alargando temas, sujeitos e problemas desentranhados do universo ficcional ideologicamente empenhado dos homens de letras dos anos 30. Se os trabalhadores do campo e da cidade eram os personagens privilegiados nos anos 30 e 40, o problema do negro e da mulher na sociedade já aparecia desde o decênio de 30, só que de forma ainda relativamente secundária no plano narrativo e na cena histórica. Depois de *Gabriela*, o trabalhador do campo e da cidade cede a vez da proeminência na narrativa e perde parte da projeção que tinha no tempo de engajamento na utopia socialista. Ganham maior realce a mulher e o negro, como novos atores da esfera social em evolução e em transformação, que começavam a tomar lugar na vida política brasileira a partir de então, reivindicando com mais contundência os seus direitos, num redimensionamento da agenda tanto política quanto literária, na qual o embate pela justiça social soma-se à reivindicação de liberdade individual.

Jorge Amado viveu plenamente as conquistas humanas e materiais e os dissabores bélicos e econômicos do intenso século XX. Sua obra reflete a esperança num humanismo renovado e numa sociedade mais justa e igualitária, independente de se tocar na abordagem crítica tradicional das duas fases da sua obra. Até a década de 50, enfatizava-se que o trabalhador do campo e da cidade seria o protagonista/o outro de classe que estava em condições de liderar a marcha das revoluções a ser consumada. Ao privilegiar um enfoque que migra do âmbito político-partidário para o étnico-cultural, numa abordagem não de menor envergadura social, seu romance reconhece as novas figuras emblemáticas que encarnam as transformações vindouras, igualmente essenciais para os avanços de um humanismo revigorado. A mulher e o negro, subjugados secularmente, encontram a hora e a vez literárias em seu romance para ao menos expressar o prenúncio do exercício da cidadania, da

sexualidade e da liberdade, antecipando-se, e muitas vezes, em plena sintonia com um trepidante tempo histórico caracterizado pelas agitações que colocavam em evidência as novas reivindicações, sob a insígnia da classe, do gênero e da etnia. Tudo isso já estava em maior ou menor evidência, ou em plena gestão, no romance brasileiro de 30 (Bueno, 2006). Jorge Amado, em sua produção ficcional, vai aprofundar, ampliar e intensificar problemas recorrentes, aspectos característicos e temas desafiadores da geração de 30 (Reis, 1993), num arco cronológico que abrange mais de setenta anos de vida literária.

Em face dessa contribuição do romance social amadiano para a evolução da literatura brasileira e para o aperfeiçoamento da vida nacional, é inegável o valor estético e o político de tal obra, vistos indissociavelmente. É de salientar, ainda, que Jorge Amado

foi o principal romancista que possibilitou, no século XX, alguma internacionalização da literatura daqui, abrindo caminho para o conhecimento e o estudo de outros autores importantes do nosso sistema literário, como Alencar, Machado, Guimarães Rosa e Clarice Lispector. De tal modo que há repercussões evidentes da obra do escritor baiano e de demais escritores brasileiros em Portugal e na África de língua oficial portuguesa, fundamentalmente. O “romancista de putas e vagabundos” tem sido estudado, com relativa constância, em diversos países também, como Estados Unidos, Espanha, Argentina, França, Rússia, etc., além de traduzido para mais de quarenta línguas estrangeiras, o que dá a dimensão inigualável de seu feito em comparação com outros autores da mesma época. Sabemos, pois, que o homem passa, mas a obra fica, como certamente ficará a de Jorge Amado.



BIBLIOGRAFIA



- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Jorge Amado: Política e Literatura*. Rio de Janeiro, Campus, 1979.
- ARAÚJO, Jorge de Souza. *Dioniso & Cia. na Moqueca de Dendê: Desejo, Revolução e Prazer na Obra de Jorge Amado*. Rio de Janeiro/Salvador, Relume Dumará/Academia de Letras da Bahia, 2003.
- BUENO, Luís. *Uma História do Romance de 30*. São Paulo/Campinas, Edusp/Unicamp, 2006.
- CANDIDO, Antonio. *A Educação pela Noite e Outros Ensaios*. 2ª ed. São Paulo, Ática, 1989.
- _____. “Poesia, Documento e História”, in *Brigada Ligeira e Outros Escritos*. São Paulo, Unesp, 1992, pp. 45-60.
- DUARTE, Eduardo de Assis. *Jorge Amado: Romance em Tempo de Utopia*. Rio de Janeiro, Record; Natal/RN, UFRN, 1996.
- _____. “Classe, Gênero e Etnia: Povo e Público na Ficção de Jorge Amado”, in Antonio Fernando de Fraceschi (org.). *Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado*. Rio de Janeiro, Instituto Moreira Salles, 1997, pp. 88-97.
- LUCAS, Fábio. “A Contribuição Amadiana ao Romance Social Brasileiro”, in Antonio Fernando de Fraceschi (org.). *Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado*. Rio de Janeiro, Instituto Moreira Salles, 1997, pp. 98-119.
- RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*. Rio de Janeiro, Record, 1990.
- REIS, Roberto. “Espelho Retrovisor: Considerações sobre a Transição Brasileira”, in *Travessia: Litera (cul)tura*, v. 27. Florianópolis, 1993, pp. 12-23.